# Resenha

*Heber Carlos de Campos Júnior**

STRACHAN, Owen. **Evangelho sequestrado: a invasão *woke* na igreja e como combater a subversão progressista**. Trad. Elmer G. Pires. São Bernardo do Campo, SP: Editora Trinitas, 2025. 300p.

Este livro não é o primeiro texto de Owen Strachan em português, mas tem o potencial de torná-lo mais conhecido e apreciado em solo brasileiro, já que até o momento é a sua obra mais vendida nos Estados Unidos. Esse jovem teólogo batista reformado já tem dezenas de títulos publicados em inglês, mas este é o primeiro livro inteiro de sua autoria em nosso idioma. Seu histórico ministerial tem sido mais voltado para o ensino teológico e a reflexão cultural, escrevendo obras de teologia histórica (sobre temas como o movimento evangélico recente nos Estados Unidos ou Jonathan Edwards) e masculinidade e família, além de alguns títulos sobre tópicos de teologia sistemática (antropologia, obra de Cristo). Ele já foi o presidente do Conselho de Masculinidade e Feminilidade Bíblica, famosa organização complementarista dos Estados Unidos, e atualmente trabalha no James Dobson Family Institute.

O tema deste livro é popular para alguns, mas estranho para outros. O movimento "*woke*" ou o "*wokismo*" é uma terminologia já utilizada no Brasil, sem tradução. A palavra "*woke*" provém do verbo em inglês para "acordar" (*wake*); portanto, ser "*woke*" significa estar acordado para uma realidade não vista por aqueles que estão adormecidos: o racismo endêmico na sociedade. O movimento *woke* é erigido sobre a Teoria Crítica da Raça (TCR), segundo a qual toda a vida social está estruturada sobre a dinâmica do poder racial.

* Doutor em Teologia Histórica (Ph.D.) pelo Calvin Theological Seminary (Grand Rapids, Michigan); mestre em Teologia Histórica (Th.M.) pelo CPAJ. Professor de Teologia Histórica no CPAJ e de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Pastor da Igreja Presbiteriana Parque das Nações (Santo André, SP).

Portanto, expressões e termos como "racismo estrutural", "racismo sistêmico", "branquitude" e "supremacia branca" são utilizadas para se referir não apenas ao racismo intencional, mas até mesmo a atitudes não percebidas pelos grupos majoritários (p. 49-50). O *wokismo* considera a cultura da maioria branca americana atual tão perversa quanto a cultura do período da escravidão, quando a segregação era legalizada (p. 53), ainda que o racismo de agora seja invisível para muitos. Nesse sentido, os proponentes do movimento *woke* são os gurus que visam abrir os olhos de cristãos dessensibilizados, o novo gnosticismo (p. 62), uma promessa bem parecida com aquela feita pela serpente no jardim ("se vos abrirão os olhos", Gn 3.5).

Esse livro de sete capítulos pode ser dividido em três partes e uma espécie de posfácio. Os capítulos 1 e 2 descrevem como o *wokismo* tem invadido a cultura e a igreja. Os capítulos 3 e 4 fazem uma crítica teológica e cultural do *wokismo*. Os capítulos 5 e 6 apresentam uma teologia bíblica de raça (identidade e etnia). E o capítulo 7, quase em caráter de posfácio, levanta perguntas sobre a história americana e algumas consequências do *wokismo* para a vida cristã. O livro tem ainda um glossário de termos técnicos do movimento *woke* e uma lista enxuta de leituras recomendadas para alguém se aprofundar no assunto, além da bibliografia.

Strachan concorda plenamente com aqueles que lamentam o racismo da história americana, o etnocentrismo que nos leva a desprezar outras pessoas também feitas à imagem de Deus e aprecia os que desejam harmonia social entre as culturas, que compassivamente adotam crianças de outras regiões do mundo ou de cor de pele diferente, mas nada disso é *wokismo* (p. 44-46). O fato do *wokismo* ter "pontos de conexão" com o cristianismo em questões de justiça, amor e unidade não o torna cristão. Na verdade, Strachan vê a entrada desse movimento na igreja em paralelo com o liberalismo teológico do início do século 20. Pois assim como John Gresham Machen concluiu em seu livro mais famoso (*Cristianismo e Liberalismo*, 1923) que o liberalismo utiliza a linguagem cristã, mas é algo completamente diferente, o *wokismo* também utiliza uma linguagem teológica, mas não é cristianismo (p. 43-44). Ele se apropria de uma linguagem religiosa ao dizer que "racismo é morte" enquanto que abraçar a causa *woke* do "antirracismo" é vida, mas essa religiosidade é secularizada e sua esperança de redenção social é imanentista (p. 177-180).

Autores seculares como Ibram X. Kendi e Robin DiAngelo e movimentos como o "Black Lives Matter" têm proposto uma solução social intitulada "antirracismo", composta de ações externas que os brancos podem realizar para combater seu racismo interno e inerente: fazer reparações aos descendentes de escravos, reestruturar as práticas de contratação para diversificar funcionários, protestar e, se necessário, até usar de violência contra entidades e indivíduos que são racistas renitentes, e reeducar a juventude, dentre outras (p. 54). Quando grupos minoritários acumulam a falta de privilégios (chamada "interseção"),

eles classificam tudo como "opressão": homens em posição de liderança oprimem mulheres, intelectuais utilizam a razão para oprimir grupos minoritários na academia, ricos oprimem os pobres, héteros oprimem minorias sexuais, cristãos oprimem minorias religiosas (p. 57). A raiz desse pensamento binário (opressor e oprimido), de que toda desigualdade é sinônima de injustiça, é o marxismo aplicado à antropologia (p. 58-61), uma filosofia que já apareceu na teologia negra de James Cone na década de 1970 (p. 88-89).

O livro é uma introdução ao assunto, não um tratado acadêmico e exaustivo (p. 38), e visa atingir tanto as pessoas que estão confusas e indecisas sobre esse debate racial quanto os que estão engajados, ainda que cautelosos em relação a certas aberrações do movimento secular (p. 90-91). O autor quer esclarecer o debate para o primeiro grupo e resgatar o segundo. Porém, ele ousadamente confronta o grupo dos wokistas convictos para dizer que "o *wokismo* não só é um *falso evangelho*, mas também um *antievangelho*" (p. 94). No capítulo 2, Owen Strachan resume e critica cinco livros escritos por cristãos, mas que propagam a agenda *woke* dentro do universo eclesiástico (p. 77-87). Embora a preocupação do autor seja demonstrar como a igreja americana tem sido atingida por tal movimento, é possível argumentar, ainda que em medida menor, que o Brasil também sofre os efeitos da "hermenêutica negra", visto que não só em círculos seculares, mas até em editoras cristãs tem aparecido uma versão mais amena dessa cosmovisão. Strachan encerra esse capítulo com uma convocação a desfazermos sofismas, revelando a impiedade desse sistema de pensamento.

Os capítulos 3 e 4 são possivelmente a contribuição mais significativa de Strachan para o debate. Ele distingue as questões teológicas das questões culturais em diferentes capítulos, mas, na prática, as críticas se misturam. O autor, de fato, apresenta cada subdivisão dos dois capítulos como partes de um todo (p. 105), mas a dicotomia entre questões teológicas e questões culturais é difícil de se sustentar. Quando fala da visão monolítica da "branquitude" no capítulo teológico, ele apresenta variações culturais (política, religião) entre os brancos americanos (p. 108-110). Por outro lado, quando fala de narrativas no capítulo cultural, ele encerra a seção com uma bela aplicação cristológica e missiológica (p. 163). Na crítica de Strachan, as questões culturais se entrelaçam com afirmações teológicas. Mas isso não é demérito.

Passo a listar alguns insights teológicos dessa crítica que são valiosos. Quando Strachan apresenta a antropologia *woke*, de desunião entre raças e cor de pele, ele a contrapõe com a antropologia bíblica da unidade da raça humana (p. 106) e até utiliza argumentos do criacionismo científico de Ken Ham para falar que os seres humanos têm diferentes tons da mesma cor de pele e uma semelhança biológica impressionante (p. 111). Quando ele fala de pecado, revela que na ideologia *woke* a culpa por pecados passados ainda subsiste e os herdeiros devem se "arrepender" de tais pecados (p. 104), um conceito contrário

à culpa particularizada da Escritura em relação ao que a teologia chama de "pecados atuais" (i.e., atos; Ez 18.20). Um movimento que promete justiça comete a injustiça de tachar as pessoas como pecaminosas por causa da sua cor de pele branca ou sua herança social. E os "oprimidos" são tratados como vítimas (p. 116, 119), o que não combina com o veredito bíblico de que todos somos réus (Rm 3.8-20); o mal não é apenas externo a nós (p. 154). Ele ainda toca no fato de o *wokismo* ser antagônico à complementaridade bíblica, mais uma crítica teológica no campo da antropologia bíblica, uma das especialidades do autor (ver seu livro *Reenchanting Humanity*). A crítica teológica que encerra o capítulo 3 é que o pensamento woke anula a promessa do evangelho, pois não conseguimos abandonar nossa "cumplicidade na opressão cultural"; a única alternativa (uma forma de redenção) para a culpa e condenação sem fim é o *wokismo*.

Dentre os insights filosóficos e culturais do capítulo 4, destaco quatro. Primeiro, ele faz uma distinção útil entre o "pós-modernismo brando" e o "pós--modernismo rígido", e coloca o *wokismo* na segunda categoria. A dificuldade que essa nova versão do pós-modernismo apresenta é que traz deveres sociais pesados, e desmoraliza a ciência por ser um exemplo de imperialismo racionalista (p. 140). Em segundo lugar, diz que o *wokismo* sustenta uma "justiça distributiva" (redistribuição de privilégios), mas não observa que a justiça bíblica é "retributiva". A justiça bíblica não lida com o sentimento de culpa por erros passados, mas com atos, e não pode ser confundida com misericórdia (p. 141-150). Em terceiro lugar, Strachan demonstra como o *wokismo* macula a adoção de pessoas de outras etnias, o casamento e a amizade inter-racial. Tais expressões de unidade são retratadas pelo movimento como "racismo" ou, na melhor das hipóteses, como algo exótico (p. 150-153). O quarto insight é que o movimento absolutiza narrativas subjetivas e a liberdade de expressão sofre, pois a voz só deve ser ouvida quando abraça a "justiça social" (p. 160-161).

Nos capítulos em que o autor busca fazer uma teologia bíblica de "identidade e etnia", ele começa com o Antigo Testamento (cap. 5) demonstrando como Deus só criou uma raça humana, não muitas raças (p. 190), que a queda afetou todos os seres humanos, impedindo uma visão maniqueísta de bons e maus (p. 196), que o pecado aprofunda as diferenças culturais, mas em Israel Deus estipula que o estrangeiro é bem-vindo (p. 200-202). Quando aborda o Novo Testamento (cap. 6), ele explora a eclesiologia unificadora de Efésios 2 (p. 209-221), a multiculturalidade eclesiástica no presente em Atos (p. 222-225) e futura em Apocalipse (p. 226-230). O objetivo desses dois capítulos é oferecer um contraponto ao espírito faccioso do *wokismo*, sua condenação de "apropriações culturais", com uma bela visão da união entre povos que só o evangelho produz.

O capítulo 7 encerra a obra com "perguntas difíceis sobre a história americana e outros tópicos polêmicos". Ainda que o foco seja a escravidão

racial norte-americana e o suposto quietismo da fé cristã face a tais injustiças, os brasileiros também podem tirar lições da história americana. No entanto, é possível que as perguntas mais úteis ao nosso público sejam aquelas menos contextualizadas, mas que lidam com questões teológicas e práticas. Por exemplo, quando ele pergunta se o conceito de "depravação total" não seria prova de "injustiça sistêmica", ele esclarece que a abrangência do pecado não é sinônimo de sermos culpados por erros culturais; se Paulo exorta os coríntios a não imitarem os pecados culturais daquela cidade pagã é porque a cultura não nos faz necessariamente pecadores, Cristo sendo o melhor exemplo disso (p. 251-253). Quando ele pergunta como o *wokismo* afeta nossa espiritualidade, ele mostra como essa cosmovisão nos faz desprezar os outros condenando-os de forma orgulhosa, nos priva da paz e nos torna amargurados, promove um engrandecimento das realizações humanas, diminuindo a benevolência da providência divina (p. 261-263).

Terminando esta resenha, destaco mais alguns pontos positivos e algumas poucas fraquezas do livro. Um dos pontos positivos é a habilidade apologética do autor em revelar inúmeras inconsistências do movimento: você deve procurar entender a experiências dos negros e ter interesse pelo multiculturalismo, mas nunca entenderá o que é ser negro e não deve se apropriar da cultura alheia (p. 63-64); o movimento combate preconceito com preconceito, luta contra o racismo com parcialidade (p. 113, 115); prega tolerância e unidade, mas cultiva raiva e drena nossa compaixão (p. 117); o movimento *woke* ainda é ao mesmo tempo autoritário e libertino, tanto adorador do Estado quanto autoexaltador (p. 180). Outro ponto positivo do livro é a sensibilidade de alertar para o perigo presente do racismo e a impossibilidade de eliminá-lo por completo nesta vida (p. 248-250), além de fazer uma chamada final aos que pecaram preconceituosamente (p. 270).

Dentre as poucas fraquezas do livro, observo que sua aplicabilidade à cultura americana torna algumas relações distantes da realidade brasileira. Por exemplo, os bermudões dos "Fab Five" do time de basquete universitário de Michigan (p. 74) é um dentre vários exemplos de cultura americana que não se traduzem bem ao leitor brasileiro. Mas o autor não pode ser culpado de sua boa contextualização. Mais importante é destacar os problemas conceituais. Por exemplo, o autor combate o estruturalismo do movimento com citações que exaltam o individualismo como direito (p. 61), uma linguagem descuidada que transforma certos posicionamentos de direita como sendo sinônimos de cristianismo. Outra fraqueza conceitual se revela quando divide a justiça entre distributiva e retributiva, sem maiores nuanças para tratar das expressões de misericórdia na lei mosaica (ano do jubileu, deixar parte das plantações para os pobres), as quais não cabem no aspecto retributivo. Por último, alguns conceitos são muito repetidos ao longo do livro, tornando o argumento por vezes circular.

Tais fraquezas, porém, não são grandes o suficiente para evitar que esse livro seja altamente recomendado, tanto pelo conteúdo exposto acima, como também pela belíssima edição de luxo preparada pela Editora Trinitas. A edição em português ficou muito mais rebuscada do que a edição original em inglês. Além de ter capa dura e uma costura das páginas de alta durabilidade, a diagramação do livro possui tamanho e fonte agradáveis de ler, subdivisões claras sem recorrer a numeração, páginas coloridas separando os capítulos nitidamente e uso de boxes em cores para ressaltar citações em bloco. Além disso, as perguntas ao final de cada capítulo têm espaço para escrever as respostas. A Editora Trinitas está de parabéns pela excelência de seu trabalho editorial!